

## A NORMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Luís André Lisque Noro de Freitas/UEM

Maria Juliana Boljevac Csucsuly/UEM

Crishna Mirella de Andrade Correa Rosa (orientadora)/UEM

### **RESUMO:**

A Compreensão histórica da homossexualidade é necessária visto que apesar de ser uma relação relatada até mesmo em civilizações antigas como a Grécia, as concepções heteronormativas ainda prevalecem nos Estados contemporâneos. A historicidade da relação homoafetiva assume então um caráter axiológico, afinal os homossexuais receberam de cada sociedade tratamentos diferenciados e muitas vezes intolerantes. O Direito também teve papel decisivo na afirmação do indivíduo, para que atualmente se possa falar em liberdade sexual de fato. Nesse sentido, a presente pesquisa objetivou verificar os sentidos históricos atribuídos à homossexualidade, na sociedade antiga e moderna, buscando introduzir ainda a discussão sobre a linguagem do direito em relação à sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade, história, concepções heteronormativas**

### **Introdução:**

Inicialmente a sexualidade não indicava diretamente o sexo, mas o corpo e seus órgãos sexuais. A idéia de sexualidade surge depois do século XVIII, logo após no século XIX o pensamento antigo de carne é substituído pelo do sexo. A partir desses acontecimentos verifica-se que o sexo não é apenas uma forma de prazer ou de procriação, mas essas mudanças ainda não permitem uma noção de desejo real do indivíduo e muito menos noções de gênero e de orientação sexual. Com o advento do iluminismo a tolerância diante do homossexualismo tornou-se gradativamente maior.

O Direito com sua grande capacidade de ajustar-se às mudanças sociais teve no movimento iluminista uma grande evolução concernente aos direitos do homem como ser pensante e reflexivo. Nesse aspecto a homossexualidade antes de pertencer à esfera de igualdade, está ligada principalmente à liberdade que integra desde a liberdade sexual, a liberdade de dispor do próprio corpo de expressão. Estes pressupostos não são exclusivos

do ordenamento jurídico brasileiro, mas de todos os ordenamentos que constituem um Estado Democrático de Direito.

Quando Foucault sua obra *História da Sexualidade* chama seu primeiro capítulo de “nós vitorianos” percebe-se o quanto tais palavras ainda se encaixam na realidade atual, e, em análise superficial, não se identifica o porquê de tanto “vitorianismo”, tanto recato hipócrita e demasiada regularização da intimidade sexual. Afinal de contas, o hoje é caracterizado como uma época de capitalismo avançado, alguns a nomeiam de pós-modernidade, outros de segunda modernidade e há ainda os que a chamam apenas de contemporaneidade.

Classificações a parte, atualmente há uma nova normatização, inclusive sexual, entenda-se normatização sexual por normas jurídicas e não jurídicas, aquelas, que, de alguma forma, regem conduta sexual. Essa época é posterior à ascensão do feminismo, do aparecimento das organizações de defesa dos direitos dos homossexuais, do início das lutas pelas liberdades, da consolidação da democracia burguesa no ocidente, que trouxe consigo o que Bobbio intitula como “uma era de Direitos”.<sup>1</sup>

### **Relação homossexual: de valorizada (na Antiguidade) à banida (na idade Média)**

Sobre a ética dos *aphrodisia* Michel Foucault denota que ela pode ser analisada tanto quantitativamente, representando o número da frequência dos atos, quanto qualitativamente, isto é, o papel do macho dominador na relação sexual e social. Na moral grega é importante que o homem seja marcado pelo comedimento, seja em seu relacionamento com as mulheres ou com os rapazes. Sobre isso Platão afirma ser a relação entre homem e mulher natural, já a homossexualidade (se este termo é inicialmente cabível) é antinatural, sendo assim as relações que tem por finalidade apenas o prazer e não procriação seria a “intemperança no prazer”. Esse argumento procriativo da relação sexual será muito utilizado mais adiante pelo cristianismo.<sup>2</sup>

O termo *aphrodisiazein* pode significar a atividade sexual, ou o papel de ativo ou passivo, este último visto como objeto. Contudo, a extrema diferenciação entre homens e mulheres na Antiguidade Clássica, pode ser entendida por essa severa demarcação entre

---

<sup>1</sup> Cf. Bobbio, 1992.

<sup>2</sup> A palavra homossexualidade é um termo moderno, mesmo a noção de relação homossexual fundada na parceria e no afeto não era compreendida na Idade Antiga com esse vocábulo. Cf. Foucault, Michel. *História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres*. São Paulo: Graal. 2009

ser ativo e passivo, pois, a mulher é naturalmente passiva. Através disso na relação de homossexual o excesso e a passividade representam no mesmo grau falha de moral dos *aphrodisia*.<sup>3</sup>

O domínio e o comedimento dos prazeres fazem parte da liberdade do indivíduo grego, isto é, valorizava-se o domínio do indivíduo sobre si mesmo, porém isso não significava liberdade de arbítrio, assim ser intemperante é se encontrar não resistente e fraco aos prazeres. Atualmente, a feminidade do homem é vista como transgressão de seu papel sexual, pois, a demarcação entre feminino e masculino é essencial. Entretanto, para os gregos o essencial era a diferença entre passividade e atividade, por isso a questão não abrange se um homem relaciona-se com um homem ou uma mulher, mas se ele exerce o domínio sobre si e seus prazeres, caso isso não ocorra ele será considerado como feminino.

Portanto a oposição entre efeminado e viril não é o mesmo que para nós (hetero e homossexual), ela representa uma atitude sobre os prazeres, as características sexuais, mas principalmente o papel social do homem.<sup>4</sup>

Os gregos aceitavam e valorizavam as relações ente homens e rapazes. Era perfeitamente concebível em homem casado relacionar-se fora do casamento, o prazer sexual não era um mal, nem pecado para os antigos. O sexo era muito mais dietético do que terapêutico, visto que fazia parte de uma dieta de vida saudável.

Nesse sentido se pode dizer até mesmo em “bissexualidade grega”, pois, era comum que um homem exercesse ao mesmo tempo ou alternadamente relações com um rapaz e uma moça. Ressalta-se que apesar dessa prática, os gregos não pensavam em duas formas de desejos, essa aparente bissexualidade existia porque para eles o que provocava o desejo por qualquer um dos sexos era simplesmente a beleza física.<sup>5</sup>

A tolerância pela homossexualidade, bem como o amor pelos rapazes era admitida não apenas pelas leis, como também pela opinião pública. Mesmo as instituições pedagógicas (como a prática da pederastia) e as religiosas não se opunham a tal prática. Mas os jovens muito fáceis ou excessivamente efeminados eram criticados por isso é difícil falar em liberdade homossexual efetiva na Grécia ou em qualquer outra civilização antiga, afinal a sociedade delimitava muitas posturas e condutas que deveriam ser exercidas nas relações.

---

<sup>3</sup> Foucault. op. cit. p.59.

<sup>4</sup> Cf. Foucault. História da sexualidade: O Uso dos prazeres.

<sup>5</sup>Foucault. Op.cit.

Para os gregos a atração de um homem por outro não era algo considerado “diferente” e não recebia leis nem regulamentos diferentes dos outros cidadãos por causa disso, o único tratamento diferenciado era o moral.

As relações que uniam um rapaz a um homem antes de ser filosóficas, faziam parte de um jogo social. Como ressalta Foucault em torno disso formou-se uma espécie de “corte”, cheia de convenções e comportamentos estipulados e estereotipados.

Por outro lado, o rapaz para se transformar em um homem seguro de si, livre e, portanto “masculino” não poderia ser objeto na relação sexual, mas isso era uma prática um tanto quanto problemática, visto que o homem que mantinha o romance com ele o via como dominado.

(...) de maneira que pode surpreender à primeira vista, vemos formar-se na cultura grega e a respeito do amor pelos rapazes, alguns dos elementos mais importantes de uma ética sexual que o rejeitará em nome precisamente desse princípio: exigência de uma simetria e de uma reciprocidade na relação amorosa, a necessidade de um combate difícil e de muito fôlego consigo mesmo, a purificação progressiva de um amor que só se dirige ao próprio ser em sua verdade, e à integração do homem sobre si mesmo enquanto objeto de desejo.<sup>6</sup>

Ademais, essas diferentes formas de reflexão acerca da homossexualidade serão encontradas nas sociedades ocidentais cristãs. Porém, a liberdade sexual é vista nessas sociedades como um pensamento pagão. Contudo, desde o século IV d.c. encontra-se claramente formulada, a ideia de que a atividade sexual é perigosa, pois, está ligada a perda de substância vital. Esta última ideia ligada ao princípio da temperança, um pouco extremada, mas acima de tudo moralista.

Nas sociedades cristãs o sexo era provavelmente uma das maiores formas de dominação, sendo vigiado, confessado, punido (caso não ocorresse dentro do matrimônio). A homossexualidade passa a ser a pior atitude sexual, contrariando o sentido natural da vida, ou seja, contrariando a procriação e destruindo a instituição mais importante da sociedade, a família.

### **A normatização social da sexualidade na Antiguidade Clássica**

Segundo o materialismo histórico e dialético de Karl Marx a nossa sociedade teve início na necessidade da sobrevivência humana, através de uma relação entre a natureza

---

<sup>6</sup> Foucault. op. cit. p.308

pré-existente e o humano que a transforma pelo trabalho em comunidade. Nas primeiras comunidades não havia qualquer distinção de classe<sup>7</sup> quanto ao trabalho, bem como os seus frutos eram distribuídos a todos da coletividade a fim de suprir suas necessidades. Neste modo de produção, chamado de comunal ou primitivo, a sexualidade era vista e praticada da forma mais liberal possível, as vestes eram usadas com o intuito de proteger o corpo das intempéries ou para embelezar-se e não como forma de esconder partes íntimas e proteger o pudor, até porque tudo era de todos, todos eram de todos, e os filhos eram filhos da comunidade. Diante do exposto, perguntar-nos-emos, enfim, aquilo que o mestre Foucault:

“(...) na época que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se?”<sup>8</sup>

Para se responder bem a esta pergunta, tem-se que entender primeiro a nossa sociedade, sua história, suas normas e como ela se relaciona com a sexualidade; qual a importância axiológica dada ao sexo, e dentro de toda essa lógica, entender o que, do sexo, é útil para a sociedade, e por quê.

À medida que a sociedade foi evoluindo em suas técnicas produtivas, o ser humano se “sedentarizou” e conheceu a propriedade privada, quase tudo era de quase ninguém e os filhos pertenciam agora não mais à comunidade, mas sim à linhagem de determinada família. Nascia o que Marx denomina modo de produção escravagista, o homem continuou buscando a sua sobrevivência no trabalho, modificando a natureza, que neste instante já tinha dono, o aristocrata. Sendo assim, as normas adquiriram um organismo mais rígido para sustentar o novo modelo social.

Uma das grandes civilizações representantes do modo de produção escravagista é a Grécia, aquela que muitos consideram como uma sociedade que valorizava as liberdades sexuais. Porém, observando a obra “A cidade Antiga” de Fustel de Coulanges percebe-se o quanto a normatização sexual estava presente naquela civilização. Havia um modelo de sociedade na qual a família mantinha-se através de vínculos sagrados com os antepassados, e estes, eram considerados como deuses, sendo assim o local onde foram enterrados os

---

<sup>7</sup> A definição de classe, para Marx, se refere à posição ocupada pelo indivíduo na estrutura de produção, ou seja, há aquele que vende a sua força de trabalho e aquele que comercializa a força de trabalho alheia, proletariado e burguesia, respectivamente.

<sup>8</sup> Foucault. História da Sexualidade: a vontade de saber. p. 12.

seus corpos se tornaria sagrado para aquele grupo de pessoas, sua propriedade, sua terra, seu meio de produção.

“Há três coisas que, já nas épocas mais antigas, encontramos fundadas e solidamente estabelecidas nessas sociedades gregas e italianas: a religião doméstica, a família e o direito de propriedade; três coisas que tiveram entre si, na origem, uma relação manifesta e parecem ter sido inseparáveis. A ideia de propriedade privada estava na própria religião. Cada família tinha a sua lareira e os seus antepassados. Esses deuses só podiam ser adorados por ela; eles eram sua propriedade.”<sup>9</sup>

Tal vinculação entre família, religião e propriedade criou normas de conduta mais parecidas com as modernas. A propriedade, assim como o culto, eram transmitidos de geração em geração por via sanguínea paterna, de pai para filho. E, na religião, a felicidade de seus deuses antepassados dependia de seu culto, ou seja, da prestação de oferendas e sacrifícios em seu nome. Sendo assim, para agradar aos antepassados e para que o próprio homem não caísse em desgraça (não ter alguém que lhe preste as oferendas), ele era obrigado a casar-se e ter filhos.<sup>10</sup>

A sexualidade era vista de outro modo nessas sociedades, o homem até podia se relacionar com outras pessoas, porém tinha como obrigação a continuação de sua família e sua religião através da procriação dentro da família, com uma mulher desposada segundo os ritos daquele sistema de crenças. Já à mulher era vedada qualquer prática sexual que pudesse macular o ventre que seria responsável pela continuação de sua família e seu culto. Entenda-se que era a família a detentora do meio de produção (meio de subsistência) e o culto era o instrumento utilizado para a dominação social e conseqüente manutenção do sistema.

Vale ressaltar que o comando usual da normativa sexual grega dirigido para o homem da época não era negativo (você não deve fazer), mas sim positivo (você deve fazer). Os comandos de não fazer geralmente estavam impressos para condutas sexuais que ferissem a sacralidade familiar como no caso exemplificado pela tragédia moralista grega “Édipo Rei”, na qual a desgraça recai sobre Édipo por ele ter se casado com a própria mãe

---

<sup>9</sup> Coulanges, Fustel. A cidade antiga.

<sup>10</sup> Coulanges. Op.cit.

e ter tido dois filhos com ela, ferindo, assim, as noções de família grega e a continuidade da linhagem mantenedora da religião do lar e, porque não, da propriedade aristocrática, uma vez que não só as personagens receberam o castigo dos deuses mas também todo o reino do qual Édipo era rei. <sup>11</sup>

### **Sexualidade e a Descoberta do corpo**

Ainda tomando como base a Grécia, verifica-se que a noção de sexualidade se modificou muito ao longo dos tempos, até a contemporaneidade, isso pode ser demonstrado até mesmo no vocabulário grego. A sexualidade contemporânea, além de ser uma idéia mais geral, possui também funções diversas. O vocábulo grego *aphrodisia* (atos que proporcionam prazer) acrescenta ainda mais divergências entre concepções gregas e atuais, porém os *aphrodisia* podem ser gestos que advém ou não do sexo. Ademais as reflexões em volta do tema sexualidade, além de serem antigas são constantemente mutáveis e as interrogações sobre maleficência ou beneficência do sexo foram inicialmente as mais praticadas.

Mais tarde, na filosofia de Santo Agostinho existe uma interrogação acerca dos prazeres de sua juventude “desviada”, isto é, se tais prazeres (sexuais ou apenas sensitivos) são realmente carnisais. Já no ponto de vista aristotélico a questão central é se da *akolesia* fazem parte todos os prazeres do corpo. <sup>12</sup>

Ademais, na passagem da Idade Antiga para a Idade Média e no início da afirmação do cristianismo, o sujeito é levado a desconfiar e reconhecer as manifestações que levem aos atos sexuais (visto como pecaminosos).

Deve-se ressaltar que a ideia de castidade já permeava a Antiguidade pagã, mas em outro sentido no qual quem era casto o fazia por exercer extremo domínio de si, algo muito valorizado naquela época. Como no caso de Sócrates que era visto como superior a própria natureza humana e acima da verdade, um dos maiores objetivos não só da filosofia grega, mas dos gregos como um todo.

Entretanto, essa valorização da castidade apesar de assemelhar-se com a cristã tem objetivos completamente diversos. Na Grécia a castidade que advém da temperança, assim

---

<sup>11</sup> C.f. Rei Édipo. Antígone. Prometeu acorrentado (tragédias gregas).

<sup>12</sup> Santo Agostinho. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

como a própria relação homossexual fazia parte de uma espécie de “enfeite” da moral. Geralmente eram mais praticadas por pessoas de *status* social mais elevado, eis aqui a primeira divergência de pensamentos.

Na Idade Média a castidade e a proibição da relação homossexual estavam direcionadas a todos, sem distinção. Inicialmente, é preciso entender que na antiguidade clássica sexualidade e sabedoria estavam vinculadas. Poder-se-ia dizer, que a moral grega era praticamente dirigida apenas aos homens. As mulheres e escravos deviam apenas submeter-se ao poder dos homens livres.<sup>13</sup>

### **Poder e corpo: uma relação de domínio**

O poder para Foucault teria uma eficácia produtiva, é nesse aspecto que se explica o fato de o corpo ser o alvo principal de controle, afinal o importante é adestrar as atitudes humanas. Isto significa controlar as ações dos homens e aproveitar as suas qualidades úteis à sociedade, diminuindo assim também sua capacidade de revolta.

Os movimentos de liberdade sexual dos homossexuais e das mulheres no século XIX procuravam formas de especificidade da sexualidade, bem como novas formas de comunidade, coexistência e de prazer, porém essa especificidade dos homossexuais é muito mais forte. Com esses movimentos eles conseguiram ao menos remover, mais tarde no século XX, a homossexualidade dos tipos de doenças mentais.<sup>14</sup>

As feministas ao lutarem pro direito efetivos, não buscavam apenas o exercício de sua sexualidade, mas direitos muito mais sociais (políticos, econômicos). Já os movimentos homoeróticos apresentaram um caráter muito mais sexológico, pois, seus objetivos eram muito mais de aceitação e tolerância do que de mudança de *status*.

### **Heteronormatividade e poder**

A heteronormatividade alia-se a idéia de que por um fato natural só existem machos e fêmeas e por isso a relação heterossexual é exata e dotada do poder de procriação. Sendo

---

<sup>13</sup> Sobre isso o artigo A Influencia da Moral Cristã na Sexualidade Ocidental, faz uma abordagem interessante da família grega, na qual posturas eram ao mesmo tempo reprimidas e usuais.

<sup>14</sup> Foucault. *Miscrofísica do Poder*.

assim os gêneros encaixados nas categorias de feminino e masculino e a pessoa dotada de um determinado sexo físico e outro gênero incompatível com tal sexo é considerada completamente fora da orientação sexual dita como natural e normal. Portanto, o homossexual, o transexual e o bissexual estariam completamente marginalizados na sociedade.<sup>15</sup>

Não há como negar que o preconceito diante dos homossexuais é fato nas sociedades contemporâneas, mesmo diante de tantas mudanças e conquistas deles. Sobre isso é preciso analisar de onde nascem as nossas concepções sobre o que é normal/anormal. No século XVIII a problematização sexual se direcionou diretamente ao homem. A partir do século XIX, assuntos como amamentação e gestação transformaram em o sexo feminino no centro da questão. A sexualidade, tratada muito mais como problema, estava completamente inserida na psiquiatria e na medicina. Corroborando posteriormente na visão patológica da homossexualidade. Mas não só a homossexualidade foi afetada nesse sentido, masturbação também foi tratada nessa época como um grande mal, no qual nunca tinha se ouvido falar, as técnicas de “cura” para tais “doenças sexuais” eram extremamente cruéis e dolorosas.

Notoriamente no início século XVII as atitudes em torno da sexualidade mostraram-se bem mais desavergonhados do que posteriormente aparecerá no século XX. Essa mudança de comportamento inicia-se ainda na metade do século XVII, com a sexualidade cada vez mais ocultada. Então os lares bem como a família conjugal tomam para si tudo que acontece em torno do sexo, ou seja, a procriação é a função mais importante, tornando-se legítimo apenas o sexo procriador, assim como era ditado nas leis morais e jurídicas.

A heteronormatividade é a matriz heterossexual imposta aos indivíduos da sociedade, e que não é natural, mas sim “imaginária” – já que nem sempre ela acontece como nos casos de homossexualidade.<sup>16</sup> Do contrário, não haveria tanta proibição e tabu em relação à homossexualidade. A origem da imposição heterossexual insere-se desde o primeiro dia de vida do ser humano, ou até mesmo desde a sua gestação, isto é, a escolha do quarto (azul para o menino e rosa para a menina), as roupas (vestidos para a menina e calça para o menino) os brinquedos, os tratamentos que os pais dedicam, tudo faz parte de

---

<sup>15</sup> Santos, Ana Cristina. Heteroqueers contra a heteronormatividade.

<sup>16</sup> Santos, Ana Cristina. op cit.

um ritual inconsciente ou não que tem por objetivo afirmar a orientação sexual do indivíduo desde muito cedo.

### **Heteronormatividade X homossexualidade**

No início do século XX, verifica-se uma mudança de postura homossexual com o surgimento de várias personalidades da literatura e das artes se declarando homossexuais e causando incômodo nos intolerantes como os governos ditatoriais. De fato a luta dos homossexuais é algo pertencente à Idade Contemporânea, já que a perseguição a eles na Idade Média e Moderna era ferrenha demais para qualquer movimento contrário às regras de conduta. O século XX representou a maior mudança de comportamento dirigido aos homossexuais. A heteronormatividade apesar de prevalecer deixou de ser absoluta e antigos conceitos sobre a homossexualidade como patologia física e mental foram deixados de lado.

Os países ou sociedades religiosas são os que demonstraram e ainda demonstram o pior tratamento aos homossexuais, mesmo os Estados considerados laicos possuem muitas vezes preconceitos advindos da religião. Mas por que a heteronormatividade está tão fixada na mente das pessoas, pois, a homossexualidade um fato histórico tanto quanto a heterossexualidade?

Sobre essa normatização da sexualidade Foucault denota no início o sexo era um dado prévio e a sexualidade era uma formação discursiva e institucional, articulada ao sexo e ao mesmo tempo o ocultando. Ademais ele chega à conclusão que através das leis e coações dirigidas ao sexo determinaram o contrário, que a sexualidade produziu o sexo, pois anteriormente ela não era aplicada diretamente a ele. Entretanto, o autor diz que o objeto sexualidade seria um instrumento antigo e que se constituiu como um dispositivo de sujeição milenar.<sup>17</sup>

Destarte Ussel acredita que as idéias sobre sexo e a desconsideração do erotismo só foi introduzida na sociedade a partir dos movimentos de ascensão da burguesia.

As teorias heteronormativas querem simplesmente unir heterossexualidade e reprodutividade, o que atualmente seria completamente incompatível, afinal muitos casais

---

<sup>17</sup> Foucault, Michel. Microfísica do Poder.



decidem por não terem filhos e então neste caso a heterossexualidade seria também “antinatural”.

Não obstante, a sodomia palavra utilizada para denominar perversões sexuais, representou durante muito tempo um temor aos homossexuais, visto que muitos foram queimados na fogueira na época da inquisição. Destaca-se que a palavra sodomia em si, mesmo não significando a relação homossexual propriamente dita, mas denotou a eles um tom extremamente pejorativo. Isto é mais um estereótipo doado aos homoeróticos graças à idéia de que só eles praticam atos de perversão, que na respectiva época significava mais especificamente a penetração oral, outro grande equívoco advindo também da questão reprodutiva humana.

Apesar de a sodomia ser um termo cristão a condenação do sexo anal entre seres humanos é anterior ao cristianismo. O que deve ser levado em conta principalmente é o fato de a homossexualidade não ser uma opção e sim uma orientação. Todo indivíduo possui diversas orientações ao longo da vida a única diferença é que os homossexuais têm como característica algo que é visto como diferente, ou pecado, ou estranho ou normal de acordo com cada sociedade e legislação.

Partindo da noção contemporânea homossexualidade verifica-se ainda mudanças drásticas e constantes nos direitos homoafetivos, mas ao mesmo tempo esta diferenciação dessa época em relação às demais ainda não aboliu a heteronormatividade que como já foi indicado está inserida no indivíduo, através de condutas e comportamentos impostos à sociedade pelo poder.

O termo sexualidade (século XIX) é recente e talvez por isso seja um tema tão debatido das ciências sociais, mas os avanços que levaram ao descobrimento da sexualidade, sua importância na vida do indivíduo não foram puramente sociais, mas biológicos, novas concepções religiosas, jurídicas e medicinais. Todas essas mudanças levaram o homem a dar mais valor e sentido a sua conduta moral, afetiva e reprodutiva, assim como a realização de seus prazeres.

A própria ideia de sexualidade necessariamente não implica em satisfação de libidos, mas primeiramente uma forma de autoconhecimento ou até mesmo auto-reconhecimento do corpo. O homem ocidental reconheceu-se durante séculos como sujeito de direito para depois transformar-se em sujeito de sexualidade (ciente primeiramente de seus próprios desejos).

É importante destacar o abismo que separa moral sexual do cristianismo, a moral sexual do paganismo antigo e a palavra sexualidade de fato. Na moral cristã o sexo obteve aspectos negativos: mal, pecado, morte. Enquanto na antiguidade os aspectos eram muito mais positivos. Essas diferenças não ficam restritas apenas ao ato sexual, mas também ao casamento que no cristianismo deve ser monogâmico, a desqualificação e rigor dos homossexuais ao mesmo tempo em que na Grécia e Roma eram aceitos pelo menos quando acontecia entre homens. Os antigos se demonstraram um tanto quanto indiferentes a preceitos como fidelidade, castidade, monogamia, não que não existissem delimitações sobre isso, mas pode-se dizer que as regras de condutas sexuais e morais não eram tão fundadas na instituição matrimonial.<sup>18</sup>

Foucault chama a atenção para as obsessões que a medicina e a pedagogia a partir só século XVII e XVIII em torno do abuso do órgão sexual aumentando ainda mais a credibilidade ao temor e rejeição do sexo, isto é, o prazer totalmente inserido na morte e no mal. Anteriormente, a própria medicina dizia que o excesso no uso dos prazeres era nocivo a saúde, alguns chegaram a dizer que era melhor nem praticar o sexo.<sup>19</sup>

No século XIX surge um perfil de homossexual relatado nos textos, como uma espécie de homem com traços físicos e psicológicos extremamente efeminados (invertidos). Denota-se ainda que esse estereótipo completamente negativo, que se reflete até hoje em nossa sociedade que é a dificuldade de assimilar a troca de papéis sexuais e a relação homoafetiva. Nos antigos, a reprovação diante da homossexualidade não ocorria devido ao ato sexual menos ainda devido a relação homossexual afetiva, mas ao comportamento excessivamente efeminado, porém mesmo com essa hostilidade o homossexual encontrou na antiguidade muito mais liberdade sexual do que nas sociedades modernas européias.

### **Dinâmica de produção: de capital e corpos**

Ao longo da história percebem-se vários sentidos, interpretações e noções de sexo, sexualidade e identidade de gênero. Porém algo que é recorrente é o senso utilitário dado

---

<sup>18</sup> Souza, I. M. C. C. de. Homossexualismo, Uma Instituição Reconhecida em Duas Grandes Civilizações.

<sup>19</sup> Foucault, Michel. História da Sexualidade: A vontade de saber. São Paulo: Graal, 2009.

ao sexo, o que a sociedade considera útil para a manutenção da comunidade que transforma a natureza através do trabalho e possibilita a sobrevivência humana. Isto nos moldes da manutenção de certo modo de produção.

A matriz e força motriz que qualquer meio, modo (ou simplesmente de qualquer) produção é o corpo do ser humano que trabalha e produz<sup>20</sup>, daí a importância de regulamentar o seu uso.

No capitalismo, somos conduzidos pelas dinâmicas de mercado, aquilo que o mercado precisa para se manter ou crescer e buscar mais lucro torna-se norma, seja ela jurídica ou não. Na infância do atual modo de produção, ele necessitou do maior contingente de proletários (trabalhadores e consumidores) possíveis, daí a valorização do sexo reprodutor e discriminação através de medidas religiosas ou médico-higienistas<sup>21</sup> de todo o sexo que não contribuísse para impulsionar o novo modo de produção.

A contemporaneidade capitalista não se preocupa mais tanto com o crescimento da massa proletária, mas sim com uma melhora do tipo de consumo. O mercado percebeu que é mais lucrável cinco brasileiros consumindo celular de alta tecnologia do que 20 europeus consumindo tecido de algodão. Abre-se espaço, então, para as lutas em favor de um sexo mais voltado ao prazer e menos preocupado com sua antiga função útil. Aliás, o prazer já está sendo útil para o mercado, vale lembrar-se das inúmeras novidades que se pode encontrar em qualquer “sex-shop” ou daquelas que aparecem listadas nos serviços de inúmeras clínicas médicas<sup>22</sup>.

## **Conclusão**

O estudo acerca da história da sexualidade traz uma conclusão direta, a de que a homossexualidade já foi tolerada, honrada, massacrada, escondida, revelada e recebeu de cada sociedade tratamentos e regras morais, jurídicas e religiosas de acordo com o tipo de poder exercido e cultura dominante. O direito possui um papel decisivo na afirmação da identidade sexual do indivíduo, bem como especialmente do homossexual. O ordenamento jurídico não pode ficar estático em relação às mudanças sociais ocorrentes. A

---

<sup>20</sup> Marx, Karl Henrich. O capital.

<sup>21</sup> Ussel, Jos Van. Repressão Sexual.

<sup>22</sup> Catonné, Jean-Philippe. A sexualidade ontem e hoje.

homossexualidade, como se pode verificar ao longo deste estudo não é uma relação recente, mas continua sem tutela eficaz.

## REFERÊNCIAS

- ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>.
- BIERWAGEM, M. Y. Proteção da Família, a União Homossexual e o Direito de Igualdade. **Revista Instituto de Pesquisas e Estudos: Divisão Jurídica**. Bauru, n.35, p.115-126, ago./nov. 2002.
- BOBBIO, Norberto Bobbio. A Era dos Direitos.
- CARLUCCI, A. K. de. Derecho e Homossexualismo em el Derecho comparado. In: Instituto Interdisciplinar de Direito de Família (Org.). **Homossexualidade: Discussões Jurídicas e Psicológicas**. Curitiba: Juruá: 2008

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade ontem e hoje**. Tradução Michèle Iris Koralek. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CECCARELLI, P. R.; Sexualidade e preconceito. In.: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, III**. São Paulo, set. 2002. Disponível em <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/sexualidade.htm>. Acesso em 2/01/2011

DIAS, M. B. Direito fundamental à homoafetividade. **Síntese Jornal**, São Paulo, Nov. 2004, p. 1-2

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. São Paulo: Graal, ed. 19. 2009

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. São Paulo: Graal, ed. 13. 2009

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, Ed. 13. 1998.

GIORGIS, C. T. A Relação Homoerótica e a Partilha de Bens. In: Instituto Interdisciplinar de Direito de Família (Org.). **Homossexualidade: Discussões Jurídicas e Psicológicas**. Curitiba: Juruá: 2008.

IBIAS, D. S. Aspectos Jurídicos acerca da Homossexualidade. In: Instituto Interdisciplinar de Direito de Família (Org.). **Homossexualidade: Discussões Jurídicas e Psicológicas**. Curitiba: Juruá: 2008.

MARX, Karl Henrich. **O Capital**. Tradução Reginaldo Sant'anna. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

MARX, Karl; FRIEDRICH Engels. **A Ideologia Alemã**. 5 ed. São Paulo: Ucitec, 1986.

SANTOS, Ana Cristina. Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf>. Acessado em 21/2/2011.

SÓFOCLES. **Rei Édipo. Antígone. Prometeu acorrentado (tragédias gregas)**. 19 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998

SOUZA, I. M. C. C. de. Homossexualismo, Uma Instituição Reconhecida em Duas Grandes Civilizações. . In: Instituto Interdisciplinar de Direito de Família (Org.). **Homossexualidade: Discussões Jurídicas e Psicológicas**. Curitiba: Juruá: 2008.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Tradução Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Campus LTDA, 1980.